

VOLUNTÁRIOS DO MARTÍRIO (Sérgio Carvalho Pereira)

Como ferro de lança
Que vara a carne de um peito
O ponto negro a lo largo,
De longe quase parado,
Cruza a fronteira oriental.

São um punhado de homens,
Trazem malas de vontades,
Peçuelos de liberdades
Ponchadas de um ideal.

Suas peles... couro templado
Pelos guascaços do vento,
As barbas e os bigodões
Sem aparo ou qualquer trato.
E o entono... trazem de berço.
Chapéus de abas bem largas
Sombreando as rugas da cara
E, como um timbre no peito
O rubro inquieto do lenço.

O piquete então se enfurna Rio Grande dentro.
Sorvem distâncias embriagados pelo ar de sua terra
E nem o sol que lhes banha a testa,
O trote duro que castiga há muitos dias,
Lhes derruba o porte e a galhardia
Que é a única fortuna que lhes resta.

Até os cavalos batem casco diferente
Como que lendo o pensamento dos caudilhos
Meses de ausências mastigando seu exílio
Somando talhas de luas para a volta,
Se pra desgraça, para morte, não importa
Pois já nasceram voluntários do martírio.

“la llanura llenó cogotes de los caballos
Y los yuyos bien curaron heridas de fierro blanco,
Em los campos castellanos fue cambiando el tiempo malo
Malaya! Pa retirada sólo les quedaba um flanco
Y al rumbo de la frontera la vida fue olfateando.
Quando el fuego de fusiles crepitaba al cielo azul
El Uruguay quedó lejos pa quien venía sangrando.
No más, los marcos que ablen tuita est historia del sur”.

O Uruguai afinal ficara tão pequeno
Para tanta ânsia, tanta gana de retorno.
Como fora lerda a cura das feridas,
Como foi mudo e moroso o velar dos companheiros.
E se acenderam muitos sóis e candieiros

E se somaram o ontem e os ontontes
Sempre de olhares estendidos ao horizonte,
Como tourada apartada da querência
Berra saudade pro lugar de onde veio.

Enão chegara a hora.
E o desejo escondeu a cara e se foi
Deixando enfim o prazer da certeza para a muda.
Foi mais larga das noites,
A maior das madrugadas.
Como dormir se o sangue velho sentinela
É voluntário para os quatro quartos?
Se há relâmpagos em suas almas e que não são de calmarias.
Se o sonho não espera o sono
E lhes invade, e lhes adianta o tempo,
Cinchando o só para apressar o dia.

Aos poucos, a barra arma seu clarão no horizonte,
A alvorada cabresteia um novo tempo,
Sons de esporas e barbelas principiam a clarinada,
Até o matear já não se faz tão lento.
E beberam muitas léguas de retorno
E vararam outra vez aquela linha.
Por que voltaram? - eu sempre me pergunto -
Se a sorte de a muito já lhes poupou a vida,
Se as marcas, cicatrizes e feridas
Foram tudo que ganharam, o que tinham.

E eu busco o que lhes faz tão fortes
O que lhes talhou feito estátuas frias,
O uq elevou-os a abraçar a morte
Neste duelo de coragens, mãos vaias.

E eu campeão, campeão e não encontro,
Farejo esta resposta como louco.
Sou gaúcho, mesmo sangue, mesmo entono, ar de potro,
Quero sentir o que cada taura ao pelear sentia!